

O que vai acontecer? Percepções sobre o Improvável em processos de criação por laboratórios de improvisação.

Gabriele Luzia Pires Generoso

Universidade Federal da Bahia

Palavras-chave: improvisação laboratório de criação dança

Provavelmente esta seja a pergunta constante, porém, pertinente de um trabalho pautado no conhecimento e desenvolvimento de possibilidades imprevistas, imprevisíveis, improváveis: o que vai acontecer?

IMPROVÁVEL. Esse o grupo de estudos e pesquisas sobre improvisação somando atenções e doações de áreas de conhecimento como: música, dança, filosofia, artes plásticas e teatro através dos representantes: Letícia Nabuco, Renata Rodrigues, Sandro Santiago, Gibran Grunewald, André Oliveira, Ângela Nabuco, Gabriele Generoso, Raíssa Ralola, Fabrícia Valle e Marcos Vinícius.

O grupo rico em possibilidades e parcerias conta com a colaboração de profissionais/estudiosos que assumiram o compromisso de uma vez por mês, na segunda-feira das 19:30 as 22:30, aguçar os sentidos para descobrir constantemente e incessantemente as possíveis diretrizes, métodos e aplicações no trabalho com a improvisação.

Ao contrário do que se possa imaginar, o acaso por fazer parte do resultado deste trabalho, não o defini enquanto ação, pois muito é preciso buscar, pesquisar, analisar, refletir e discutir para assimilação e desenvolvimento da dinâmica de improvisação.

Interessantes pelas diferenças e intrigantes pelas infinitas possibilidades, mesmo em início de tarefas, o grupo já vem conseguindo estruturar através da percepção prática, o quão necessário é o estudo e em sua particularidade desenvolvendo, com contribuições de todos, propostas que tornem possível o crescimento e a criação de uma metodologia própria passível de movimento e não estanque em sua trajetória.

O que vai acontecer? Pergunta lançada pela maioria dos participantes no primeiro encontro, solidificada ao longo dos seguintes, refletindo o conhecimento interno de cada um, o que cada contribuição modifica e aponta como desafio para o grupo e a estruturação da linguagem improvisação abrangendo sua necessidade de conhecimento, passo a passo em cada encontro.

Compreendemos através das práticas do grupo improvisação como a habilidade de, simultaneamente, produzir e [interpretar](#), com atenção ao outro, ao espaço e aos elementos que o compõem, dentro de parâmetros pré-definidos, porém maleáveis resultando em inúmeras possibilidades e/ou propostas.

Vemos através das práticas que para improvisar, o performer, bailarino, ator, músico deve procurar adquirir um bom controle dos parâmetros dentro dos quais se propôs a trabalhar no desenvolvimento desta atividade em consonância com seu conhecimento e interação das partes que promovem junto a ele a ação de improvisar.

A improvisação em dança tem sido um recurso usado por muitos coreógrafos e bailarinos na criação de suas obras, ou em parte delas. Sem restrições as áreas artísticas a improvisação também tem se tornado foco de estudo e aplicação por parte de professores em escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio, com o objetivo de ampliar e diferenciar a atuação do educador preocupado com a modificação e estruturação constante do ato de ensinar.

Ainda sem limites para objetivos e propostas a improvisação vem sendo utilizada por professores de dança, bem como diversas companhias profissionais na preparação de dançarinos para o palco. Contudo, o entendimento da improvisação em dança é, ainda, alvo de errônea compreensão quando vista como uma ação desenvolvida sem regras, na qual a liberdade é a trajetória imprescindível para obtenção de quaisquer resultados.

Através de uma incipiente pesquisa bibliográfica sobre o termo, foi possível perceber que a improvisação aparece como foco de tema em textos sobre expressão corporal dos anos de 1970, compreendendo um delineamento histórico de pesquisas de aproximadamente vinte e cinco anos. Este fato nos aponta para a desmistificação da ausência de regras e independência do acaso para sua realização.

Se levarmos em consideração os estudos desenvolvidos na área de dança sobre improvisação, percebemos que ela pode ser vista não apenas como um recurso, mas como a própria dança realizada no instante da sua execução, diferenciando-se de uma seqüência coreográfica obedecendo a um planejamento anterior sobre a sua totalidade.

É preciso ressaltar que a compreensão das peculiaridades da improvisação enquanto espetáculo e da improvisação como recurso, ferramenta para a realização de um espetáculo de dança aponta para questões que, hoje, mobilizam criadores no mundo todo atenuando essa diferenciação.

Particularmente partindo das pesquisas iniciais realizadas pelo IMPROVÁVEL, podemos compreender a improvisação como uma troca com o meio e os componentes que dele fazem parte em um processo de modificação contínua e em uma dinâmica de mão dupla. Pode se dizer que até o presente momento, não se pensa em um sem o outro, um e outro sem ambiente e ambos sem uma proposta que os direcione, pois a improvisação depende de um corpo e esse corpo passa a re-existir e co-existe por processos de relacionamento com o que o cerca.

Em síntese, quando se fala em improvisação, tendo como exemplo as práticas do grupo podemos dizer que: a proposta é lançada por um ou mais componentes, com o objetivo de

organizar a ação e o que dela resultará. A proposta é internalizada também pelas informações presentes no meio e por aquele que a pratica criando um ambiente e relações de troca permanente entre eles.

Consideramos, a priori, uma certa dose de determinismo impresso nas propostas e porque não dizer nos corpos que desta dinâmica fazem parte, porém, é um determinismo que se abre a possibilidade do diálogo com o não-determinado também presente em todos os corpos criando a possibilidade de diálogo com o novo.

A improvisação é um instrumento que discute e questiona exatamente a dosagem de liberdade de arranjos de movimentos entre restrições e não-restrições. O número de tais arranjos é muito grande, portanto, a cada vez que uma “coisa” é combinada com outra “coisa”, toda a dinâmica se “reconfigura”, criando inúmeras outras possibilidades.

Referências

BOUCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.

GIL, José. **Movimento Total: o corpo e a dança**. Lisboa: Relógio D'água, 2001.

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SILVA, Eliana Rodrigues. **A dança contemporânea americana e seus novos processos coreográficos**. Art 015 Revista da Escola de Música e Artes Cênicas da UFBA, Salvador, nº 15, p.83-96, 04/1987.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1978.